

# A RABECA

PERIODICO CARICATO, SATYRICO E ILLUSTRADO

ESCRITORIO RUA DOS OURIVES N. 52, 1º ANDAR

Assignaturas para a Corte

	PAGAS ADIANTADAS
Por trimestre . . . . .	38000
Por semestre . . . . .	68000
Por anno . . . . .	125000

PROPRIETARIOS

ROCHA, COSTA & MELLO

Assignaturas para as Províncias

	PAGAS ADIANTADAS
Por trimestre . . . . .	48000
Por semestre . . . . .	88000
Por anno . . . . .	165000



PHENIX DRAMATICA  
A EXIMIA ACTRIZ ISMENIA

# A RABECA

Sabbado, 29 de Abril de 1871.

Carissimos assignantes. Os tempos não estão de brincadeira. Tudo anda com cara de herege . excepto o rabequista, que é catholico de corpo e alma. Só se falla da *febre amarella* em Buenos-Ayres ; e ninguem se lembra que no Brazil assóla uma peste ainda mais amendrontadora : a *febre vermelha* ! Por toda a parte anda-se á cata de um medico *humanitario*, como Diogenes com a sua lanterna aceza, ao meio-dia, á procura de um homem.

Debalde o consul argentino, em lingua terna e seductora, como a hespanhola, se entende com os affamados filhos de Hipocrates, que parecem não entender muito do riscado, isto é, da lingua hespanhola !... Se ao menos o maximo Dr. Maximiano de Carvalho quizesse ir dar um passeio á Buenos-Ayres levando consigo a homœopathia.... Basta de prosa ; o rabequista vai dar começo ás rabecadas.

*Attendite et ! audite !*

## Introducção

*Emilia*. — Tal é o titulo de uma linda *mazurka*, feita por um admirador e por elle dedicada a eximia actriz Emilia Adelaide. O rabequista, que é em extremo amante da musica ; jamais consentirá que fique votada ao esquecimento tão sublime, quão divina arte, e dá os seus cordeaes parabens ao modesta auctor da dita *mazurka*, e lhe agradece a sua mimosa offerta.

*Primeiro livro da infancia*. — Com este titulo acaba o Dr. Cornelio França Filho de dar á luz da publicidade uma traducción da obrinha do conselheiro Delapalme. Em estylo claro e ameno, o tradactor conseguiu accommodar á lingua portugueza, o phraseado francez, e assim veio prestrar ás letras patrias um serviço importante.

Prosiga o Dr. Cornelio França Filho á dar a infancia tão salutares alimentos para o espirito, e acordeite do rabequista um aperto de mão, acompanhado dos respectivos emboras.

## Aria.

*(Si non è vero, è bene trovato)*

Qual é a religião ou seita que A. de C. professa ? Vejamos.

Todo homem catholico, apostolico, romano, deve considerar o Papa, o successor de Christo na terra, e chefe da Egreja, e por conseguinte respeita-o, porque como soberano elle é inviolavel e sagrado.

Ora, A. de C, e outros muitos, que vivem á escrever para o publico, não entende assim : logo não é catholico, apostolico, romano.

*Si non è vero, è bene trovato !*

Todo protestante, reconhece no reinante ou imperante, o chefe de sua religião, e o respeita e venera. Ora, A. de C. não pensa deste modo : logo não é protestante.

*Si non è vero, è bene trovato !*

O sabeista adóra os corpos celestes.

Ora A. de C. não professa uma tal religião : logo não é *sabeista*. Salvo se considera as *estrellas parisiense* do Alcazar uns verdadeiros *corpos celestes*, a quem realmente venera ; porque então não pode deixar de ser *sabeista*, e está respondida a pergunta.

*Si non è vero è bene trovato !*

O fetichista venéra os *Fetiches*, expressão empregada pelos homens lá na Africa occidental para designarem os objectos animados ou inanimados, a que o medo, o reconhecimento ou *alguma aféição particular*, os convida a dirigir um culto. Ora a *Vida Fluminense* é um *Fetiche* e A. de C. a venera : logo, não ha duvida, A. de C. é *feitichista*!

*Si non è vero, è bene trovato.*

*(Vide o n.º passado da Vida Fluminense.)*

### Cavatina

S. PEDRO DE ALCANTARA.— Levou á scena durante a semana, as *Tentações de Satanaz e o milagre de N. S. de Nazareth*, e está anunciado *Maria Joanna, mulher do povo ou a pobre mãe*, para a estreia da Antonina Marquelou, que substituirá bem á Eugenia Camara.

S. LUIZ.— Representou *A calunia*, e *Timidez de Cornelio Guerra*, a *Morgadinha de Valflor*, *Fernanda*, onde tudo foi ás mil maravilhas.

Quarta feira teve lugar o beneficio do actor Paiva, que colheu mais uma vez a recompensa de seus esforços e talento. Nesta occasião recitou Emilia Adelaide a linda poesia de Thomaz Ribeiro, *A Judia*, e o *Brazão*, a poesia comica de Eduardo Garrido, *A bengala*, e foram dignos dos aplausos que tiveram.

GYMNASIO.— Levou á scena o pretexto, *A esfolhada*, *Coração de pai*, *Os amores da modista*, *Fui ver o joven Telemaco*, *Bertha de castigo*, *Já ouvi espirrar este nariz*, e finalmente, *As nossas aliadas*; (sem ser as republicas do Uruguay e Buenos Ayres) que são realmente obra boa e onde nada faltou para contentar o publico, que está sempre de bom humor sempre que se trata de allianças.

PHENIX DRAMATICA.— Tem representado, *As mulheres de marmore*, e o Sr. Mello Dias amante das mesmas, (não das mulheres marmoreas.)

Quarta-feira teve lugar o explendido beneficio do gaiato Vasques, subindo a scena o *Typo Brasileiro*, de França Junior, *Silencio Callado*, de Eduardo Garrido, e o *Fechamento das portas*, de Augusto de Castro.

O desempenho foi satisfactorio e nada faltou para que se tornasse a noite do beneficiado uma noite de risos, flôres e entusiasmo.

LYRIQUE FRANÇAIS ou ALCAZAR.— Representou durante a semana, *Orphée aux enfers*, que foi perfeitamente bem, *La fleur du thé*, que a par de um desempenho perfeito, devido á boa des-

tribuição dos papeis, notou-se uma scenografia limpa, bonita e admiravel.

Está em ensaios, *Le mari á la porte*, lindissima opereta de Offenbach, que o publico já conhece, porém, por certo não deixará de ir ver e applaudir.

### Cançoneta

#### NAMORO

Namoro é cousa gostosa,  
Que regala o coração;  
E' charutinho de Havana,  
Que custa mais de tostão.

Namoro é quente empadinha  
De camarões com palmito;  
E' um *filet* mui bem feito,  
E' no jantar um palito.

Namoro é dôr de cabeça,  
Que apenas minutos dura;  
E' um passeio de *Bond*,  
Uma pequena aventura.

Namoro é jogo de prendas,  
E' lindo botão de rosa,  
E' um copo de sorvete  
Ou de licor com *gazosa*.

Namoro é lindo *romance*  
Cantado ao som do piano;  
E' uma caixa de amendoas,  
Que dá-se uma vez por anno.

Namoro é jogo de vispora  
Onde não ha que pensar;  
E' um vestido bonito  
Que se tem p'ra passeiar.

Namoro é traste preciso  
Para as delicias da vida;  
E' cigarrinho de palha,  
De bilhar uma partida.



Como realça na coraça de um militar !!!?



Os objectos que custarão mais caro a França.



**ALCAZAR**

*Mlle. Personne dans les turcs.*

Namoro é banho de choque  
Tomado pela manhã ;  
E' merenda dos rapazes,  
E' bago de uva, ou romã.

Namoro é *missa do gallo*  
E' constante carnaval,  
E' *soirée de familia*,  
E' um grande festival.

Namoro é *salsaparrilha*  
*Prompto alivio p'ra tristeza* ;  
E' dança na corda bamba,  
E' um jogo de esperteza.

Namoro é isca mui doce  
Que sabe á manjar divino ;  
E' jogo de *cabra-cega* ;  
E' brinquedo de menino.

Namoro é emprego publico  
De muita gente vadia,  
Que vive á quebrar calçadas  
Passeiando noite e dia.

Namoro é uma comedia,  
E' tudo que nada val ;  
Portanto basta de prosa,  
Vou fazer ponto final.

ELMANO NATURA

### A māi e seus dois filhos

(CONTO BRASILEIRO)

Havia em um vastissimo bosque, serpeado de regatos, uma mulher chamada *America*, *Braziliense* que tinha dois filhos: um menino e uma menina. Esta tinha o nome de *Republica* e aquelle o de *Imperio*.

Com o correr dos tempos veio a experien-  
cia; e *America*, vendo que seu marido *Portugal* a queria escravizar, delle se desquitou, e tor-  
nou-se a perceptora de seus filhos, que, ape-  
zar de pouca idade, já revelavam grande *en-  
genho* para muitas coisas.

Ora nesse tempo não se fazia uso, nem da *palmatoria*, nem dos *premios*; por isso *America* não podia esperar bom resultado do seu ensi-  
no, que era mais que livre ; pelo que procu-  
rou mudar de methodo ; porém já era muito tarde. Seus dois filhos eram uns gigantes e já estavam mui taludos.

Dissiparam-se pois as esperanças de *Ame-  
rica*.

*Imperio* e *Republica* tinham má indole, e eram dois māos filhos.

Um bom dia a pobre māi trazia um grande *bolo* para festejar a *Natividade de Nossa Se-  
nhora*, eis senão quando seus filhos se atiram a elle com um furor indomavel. Pucha d'aqui, pucha d'acolá : travou-se a luta, e, por mais que *America* gritasse, ambos lutavam como duas feras. A final *Republica* falseou o pé e cahio, e *Imperio* matal-a-hia se sua māi não se interpozesse dizendo-lhe :

— *Imperio*, tu não vês que tua irmā é ainda muito criança para lutar comtigo ? Aplaca o teu furor. A luta entre irmāos é cousa horri-  
vel. Demais, nem sempre serás possante, e tua irmā crescendo pôde tomar uma desforra.

— E hei de tomal a, sim ! para o futuro, disse a menina levantando-se.

E iam de novo pegar-se. Mas *America* ap-  
ressou-se em metter *Republica* em um carce-  
re, donde não a tirou, porque morreu ; dei-  
xando todos os seus bens á descripção do *Imperio*.

Godofredo Autran.

### Romancete

O Homem sem lagrimas

POR

ALEXANDRE DUMAS

O viandante entrou ; estava enbuçado n'um capóte, cuja golla encobria quasi todo seu sem-  
blante. A velha atiçou o fogo na chaminé, foi buscar leite e pão, como o fizera á mocinha, e o convidou á comer.

Mas o viandante meneou a cabeça em sinal de recusa, fitando a velha cujo semblante se deixava ver as claras.

— Porque não comeis? lhe perguntou ella, deveis ter fome, e isto que vos offereço, o faço de coração. Comei.

— Depois que me ouvirdes perdoado, lhe respondeu o viandante, atirando para um lado o seu capote, abrindo os braços, e mostrando seu rosto banhado de lagrimas.

— Meo filho! exclamou a velha.

— Minha mãe! minha mãe! disse o viandante.

E ambos se lançaram nos braços um do outro.

Era, com effeito, o filho perdido, o filho prodigo, que voltava para junto de sua mãe.

O primeiro momento foi todo consagrado á alegria, á emoção e ás lagrimas.

Depois o filho contou á sua mãe o que lhe acontecera.

Em duas palavras diremos sua historia.

— Em quanto lhe restaram algumas moédas da fortuna roubada á sua mãe, o mocinho levára uma vida alegre e dissipada; depois, após o esbanjamento viera a miséria, e enfim uma enfermidade que quasi o conduzira ao tumulo.

Então elle se arrependera e comprehendera quanto havia peccado contra Deos e contra sua mãe. Pedio ao Senhor que lhe perdoasse, e jurou voltar para o lar materno, apenas convalescesse.

Deos ouvio a sua prece e restituio-lhe a saúde.

Então tratou de comprar o seo voto; mas tendo esbanjado tudo, teve vergonha de voltar para cásia pobre, como um mendigo.

Ora, um dia, elle estava a margem do Danubio, excogitando um meio de ganhar dinheiro, e seguia machinalmente com os olhos um moço, que banhava-se naquelle rio divertidos em nadar.

O pai deste moço tambem estava á margem opposta e admirando a força e a destreza de seo filho.

De repente o nadador poz-se a pedir soccor-

ro; acabava de ter uma caimbra e estava á ponto de affogar-se.

O pai lançou-se n'agua; mas em lugar de salvar seo filho, mais o arrastava para o fundo, pois que não sabia nadar.

Frantz, ao contrario (tal era o nome do filho prodigo) era um excellente nadador, pois que desde sua infancia se havia exercitado no Rhêno.

Um instante depois o pai e o filho foram salvos.

No outro dia, Frantz recebeo doze mil francos de um desconhecido. Seo primeiro pensamento foi restituil-os, pois achava que não devia ser pago por uma boa accão, que fizera.

Mas elle tinha desapparecido com seo filho: eram dois viajantes e ninguem sabia d'onde vieram, nem para onde foram.

Então Frantz não teve mais escrupulos, rico com estes doze mil francos, e ainda mais com o seo arrependimento, voltára á casa materna.

A mãe e o filho conversaram ainda por muito tempo junto da chaminé; por que tinham tanto que dizer um ao outro que não cuidaram de dormir.

Lia, pelo contrario, apenas o moço acabara sua historia, adormecera.

Teve então o mesmo sonho; vio o mesmo jardim, as mesmas flores, as mesmas borboletas e os mesmos anjos.

Sómente d'esta vez o anjo das lagrimos chamou-a para junto de si.

E ella foi.

Então o anjo deo-lhe uma perola.

— Toma, disse elle, eis a perola preciosa de que te fallei; ella é composta de duas lagrimas: a lagrima do amor materno e a lagrima do arrependimento filial. Vai depol-a sobre o coração de teu paiz e então elle poderá chorar e ficará curado.

A mocinha teve tanta alegria que despertou.

O sonho dissipou-se.

Lia julgou que fora um sonho vão como são todos os sonhos e tristemente esperou que rompesse o dia.

(Continúa.)



THEATRO D. PEDRO II.

© INSIGNE ARTISTA JUAN ORDINAS NO 3º ACTO D'AFRICANA